



PARTEIRAS

um mundo pelas mãos

Sobre o Instituto Nômades

Criado em 2005, no Recife, o Instituto Nômades é uma organização da sociedade civil norteadada pelos princípios de emancipação, humanização e sustentabilidade. Atua nas áreas de promoção à saúde e de fortalecimento de culturas locais, estimulando práticas que impulsionem os direitos humanos e a integralidade do ser humano em seu meio. Entre os programas desenvolvidos pelo instituto destacam-se o *Boa Hora* e o *Culturas Tradicionais*. Os caminhos percorridos por essas duas iniciativas encontraram-se nos projetos **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais e Indígenas de Pernambuco**, que originaram a exposição e o catálogo **Parteiras – Um Mundo pelas Mãos**.

institutonomandes.org.br



PARTEIRAS

um mundo pelas mãos



Este catálogo integra a exposição **Parteiras – Um Mundo pelas Mãos**, que percorreu, em 2013, dois municípios pernambucanos – Palmares, na Zona da Mata, e Caruaru, no Agreste – e o território indígena Pankararu, no Sertão. A exposição itinerante é parte de um projeto maior do Instituto Nômades, iniciado com as pesquisas **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais e Indígenas de Pernambuco**, que identificaram e registraram os saberes e as práticas de 225 parteiras de seis municípios e três etnias indígenas do Estado, entre 2008 e 2011.

As fotografias resultam de caminhos feitos pela equipe dos projetos rumo a encontros especiais. Encontros que contam histórias de um ofício: o da parteria tradicional. Essas narrativas estão nas imagens a seguir, que propõem visitas a esse universo feito de plantas, animais, paisagens, utensílios de trabalho, além de solidariedade, coragem, sabedoria e fé.



“Partejar é algo concedido por Deus a determinadas mulheres. Não me arrisquei pelos partos, graças a Deus. Quando ele me deu essas mãos, ele já me deu elas escrevidas; já pros partos mesmo.” Djanira Gomes da Silva, Jabotão dos Guararapes

UM OLHAR SOBRE AS MÃES DE UMBIGO

Eduardo Queiroga



As parteiras são mulheres fortes, detentoras de saberes preciosos, pessoas importantes nas comunidades onde moram e atuam.

Estão presentes nas mais diversas localidades pernambucanas, do litoral ao sertão. Em geral acumulam conhecimento não apenas no partejar, mas também sobre saúde ou religião. Muitas vezes chamadas de mães de umbigo, são queridas por seus afilhados e esquecidas por outras parcelas da sociedade.

As minhas fotografias para o projeto **Parteiras – Um Mundo pelas Mãos** foram estimuladas por uma vontade de aprender sobre as parteiras tradicionais. Quem são essas mulheres? Como e onde elas vivem? Como é a casa delas, o espaço, o entorno? Não busquei uma resposta definitiva, objetiva. É sempre mais instigante a ideia de abertura, de questões abertas, do que fechadas.

O que encontrei nesses anos fotografando as parteiras foi muito acolhimento, cuidado, dedicação. Foram captadas milhares de imagens e o que vemos na exposição que dá origem a este catálogo é apenas um pequeno apanhado de tudo o que vivenciei. Tentando ser fiel às perguntas que me nortearam na pesquisa, priorizei um olhar sobre essas mulheres. Embora tratando de uma atividade que existe desde muito tempo, há pouca documentação sobre o assunto e, principalmente, sobre quem desenvolve essa atividade e detém esse conhecimento.

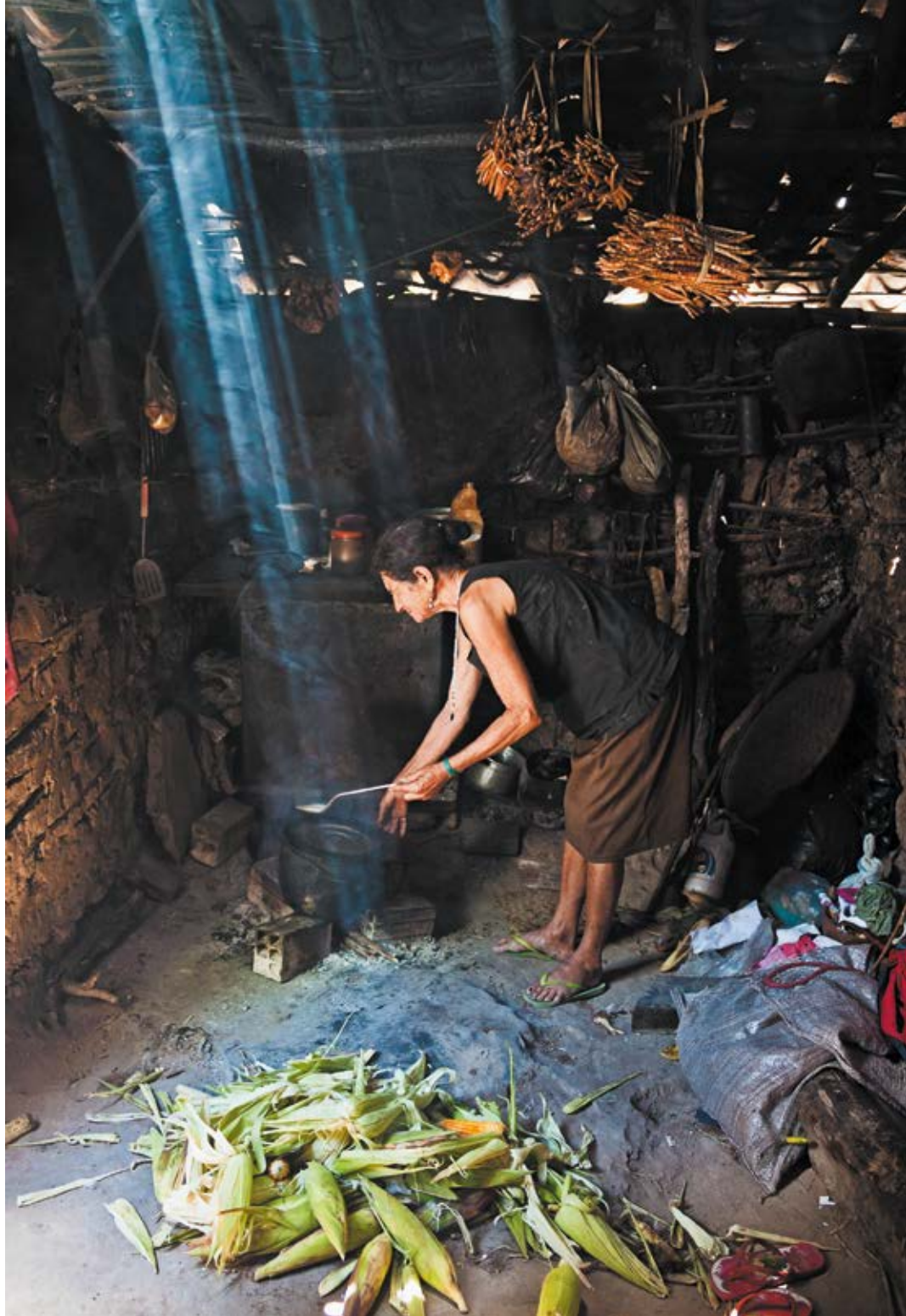
Durante o processo, trabalhei com alguns limites. Uns impostos por mim mesmo, outros pelo meio. Era necessário refletir um pouco sobre que contribuições o uso da fotografia possibilitaria nessa busca. Não poderíamos pensar na propriedade documental, no sentido de retratar com fidelidade “uma realidade”. Acreditamos

na fotografia como uma linguagem encharcada de subjetividade. Há o sujeito que fotografa, o que é fotografado e o que olha a imagem. A despeito da participação de tantos atores, algumas escolhas estão mais concentradas em certas fases ou pessoas. O resultado aqui mostrado dependeu da participação de muita gente e é apenas um dos possíveis. Poderíamos contar essa história de muitas outras diferentes maneiras. Mas o fato de existirem tantas possibilidades e subjetividades não impede que a fotografia traga informações importantes para o registro dessa cultura.

A exposição percorre, nesse primeiro momento, Palmares, na Zona da Mata, Caruaru, no Agreste, e o território indígena Pankararu, nos municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, no Sertão. É composta por vários conjuntos que se complementam: as fotografias em grande formato impressas em tecido, este catálogo, um jogo de postais, um vídeo e um conjunto com cópias em papel no formato 30 x 45 cm. Buscamos provocar um diálogo entre esses recortes, de maneira que muitas fotos só aparecem em um desses produtos ou localidades. Assim como não deveríamos buscar respostas fechadas, não poderíamos pensar formatos estanques ou repetitivos. As ampliações em tecido representam o núcleo central da mostra. O catálogo busca alinhar todos os outros. A parteira é sempre o centro das atenções. Mas, para falar dela, muitas vezes precisamos trazer imagens de suas casas, de seus utensílios.

Esta exposição é parte de um percurso maior de investigação dos saberes e das práticas das parteiras tradicionais. Um projeto tocado com o Instituto Nômades que tem gerado uma série de desdobramentos que vão de dois inventários até o sonho de um





Museu da Parteira. Desde as primeiras reuniões até hoje, muita coisa aconteceu. Algumas parteiras faleceram, outras deixaram de atender. Aprendemos muito, crescemos. Ouvimos belas histórias, algumas delas acontecidas várias gerações atrás. Vi muitos rostos marcados por uma vida difícil e mãos generosas, carregadas de gestos de esperança e de cuidado. O mundo das parteiras, esse que procuramos tocar com nossas imagens, é rico.

Fica, então, o convite para um breve passeio por esse mundo. Poderemos conhecer o rosto de algumas delas, visitar minimamente suas casas, observar como cuidam de sua plantação ou de seus animais, como preparam seus materiais. Poderemos reconhecer traços de sua religiosidade, de seus rituais. Mas também devemos nos deixar levar por outras ligações, as nossas ligações ao se deparar com as imagens. A fotografia permite isso e temos que aproveitar: os novos mundos que são construídos a partir da circulação e observação dessas imagens. Devemos nos deixar emocionar ou ver coisas que ninguém viu.

Eduardo Queiroga é fotógrafo, jornalista e professor universitário. Participou dos inventários **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionas e Indígenas de Pernambuco**, do Instituto Nômades. Tem dois filhos, Daniel e Pedro.







DA ARTE DE BOTAR GENTE NO MUNDO

Júlia Morim

Quando fomos procuradas por Prazeres (Maria dos Prazeres de Souza, filha de parteira e parteira) para comentar a proposta de fazermos um livro sobre sua vida, pensamos: por que não sobre a vida de várias parteiras? Como faríamos isso? Que caminhos poderíamos seguir para (re)encontrar essas mulheres, (re)conhecê-las, ouvi-las e contar suas histórias?

Prazeres sempre tinha muitas ideias. Ela era presidente da Associação das Parteiras Tradicionais e Hospitalares de Jaboatão dos Guararapes. Agregava diversas parteiras ao seu redor, sabia de outras tantas em Pernambuco. Por que não começar conversando com elas, detentoras dos mistérios do nascer, unidas nas associações? Assim, gestamos e propusemos a realização de um inventário – no sentido maior, além do mapear e do listar, de perceber, entender, contextualizar e receber cada parteira, cada experiência de vida, cada entendimento.

A partir da perspectiva de que gerar, parir e nascer são atos cercados por costumes, saberes e fazeres, transmitidos entre gerações; de que a parteira tradicional é a pessoa que concentra essa sabedoria e é identificada como especialista por seus pares, escolhemos utilizar a metodologia de pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa metodologia tem como objetivo conhecer e documentar as referências culturais de determinados grupos sociais com vistas ao subsídio de políticas públicas de patrimônio.

Portanto, tivemos o intuito de (re)conhecer a diversidade dos saberes e fazeres dessas parteiras pernambucanas, contribuindo para a valorização desse grupo. Buscamos desvelar a realidade da assistência de parteiras tradicionais ao parto em casa, bem como levantar informações sobre esse universo. Em contato direto com elas, identificamos conhecimentos e visões de corpo e de mundo repassados de mães para filhas, de tias para sobrinhas, de comadres para vizinhas. Além de promotor da saúde materno-infantil, abordamos o ofício como parte importante do Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

O primeiro projeto, chamado **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco**, cujo foco eram as parteiras organizadas em associações ou em núcleos informais, foi aprovado no edital do Programa Petrobras Cultural 2006/2007, recebendo homenagem especial na categoria Preservação e Memória (Patrimônio Imaterial). A partir dessa primeira experiência, percebemos a necessidade de ampliar o universo pesquisado e propusemos a extensão do inventário incluindo as parteiras indígenas. Em 2009, o inventário **Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco** foi aprovado pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura).

Durante os anos 2008, 2009 e 2010 percorremos seis municípios e três etnias indígenas, encontrando mais de 200 mulheres que tinham como um dos ofícios ou das atribuições cotidianas, “pegar menino”. Jaboatão dos Guararapes, Igarassu e Ipojuca, na Região Metropolitana do Recife; Palmares, na Zona da Mata



Sul; Caruaru, no Agreste; Trindade, no Sertão. Municípios onde haviam parteiras organizadas em associações ou que, juntas, formavam um núcleo, um embrião de uma associação. Kapinawá, Pankararu e Xucuru eram, de acordo com dados da Secretaria de Saúde do Estado, as etnias indígenas em Pernambuco com maior população e onde estava o maior número de parteiras. Adentramos nas comunidades e nas casas das mães de umbigo de muitas crianças. Suas histórias, causos, sabenças, práticas e afetos foram sendo revelados.

Éramos algumas mulheres e um homem (o nosso fotógrafo). Umhas com experiências anteriores no assunto: mães de filhos nascidos em casa, sempre buscando se envolver um pouco mais com esse universo. Outras se iniciando na temática. Todas de alma, olhos e ouvidos bem abertos para escutar, perguntar, se emocionar. Andamos de carro, ônibus, moto, cavalo, barco, a pé, entre caatingas, canaviais, ladeiras, bairros periféricos, engenhos. Realidades geográficas e sociais distintas. Às vezes sabíamos onde a parteira morava. Outras, perguntávamos se tinha alguém que “pegava menino” e prontamente indicavam: Dona Carminha ou Dona Zezé, por exemplo. Cada uma com sua trajetória individual e única, que, ao mesmo tempo, comunga aspectos do ofício: o modo de iniciação e de aprendizagem, a disposição e a doação.

Ao longo desses anos, vimos que os costumes, técnicas e crenças “da arte de botar gente no mundo” (como chamou Mário Souto Maior em *Como Nasce um Cabra da Peste*) continuam, de uma forma ou de outra, sendo praticados, algumas vezes

modificados, outras adaptados à realidade dos dias atuais. São parte de um saber coletivo que reforça a identidade de um povo e que faz parte do patrimônio imaterial do país.

Este projeto, que é exposição e catálogo, nasceu dessas experiências que são, na verdade, uma só, fecunda, fértil, carinhosa, viva! Muitas vezes escutamos: “Parteiras? Isso não existe mais. É coisa de antigamente”. Entretanto, o mundo ainda chega por suas mãos. E este trabalho mostra isso.

Júlia Morim é cientista social e antropóloga. Trabalha no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e é colaboradora do Instituto Nômades. Conheceu as parteiras na gestação da primeira filha, Maria. É também mãe de Vicente.







UM MUNDO FLUIDO E HETEROGÊNEO

Dan Gayoso

Neste Brasil de tantos contrastes, vemos também, no cenário da atenção à gestação, ao parto e ao pós-parto, modelos distintos e divergentes que coexistem na atualidade. O mesmo país que aparece nas estatísticas como um dos líderes mundiais nas taxas de cesárea, revelando a prevalência de um modelo tecnocrático, intervencionista e “hospitalocêntrico” de atenção ao parto, abriga práticas tradicionais de parturição levadas adiante por parteiras “do mato”, passadas de geração a geração através da oralidade.

A resistência histórica de um ofício ligado à saúde e baseado na tradição oral em uma sociedade que supervaloriza o conhecimento técnico-científico e na qual o sistema de saúde é fortemente dominado pelo poder biomédico é digna de nota. A coexistência desses dois modelos quase opostos de atenção ao parto remete-nos às grandes diferenças sociais existentes em nosso país, a falhas do sistema de saúde, mas também nos fala da riqueza e da diversidade cultural brasileira, da busca de mulheres por um modelo de cuidado mais humano, da resiliência das parteiras tradicionais – mulheres que ajudam mulheres em um momento tão singular da vida, esperando em troca apenas o reconhecimento e a gratidão.

Foi a partir do contato com parteiras tradicionais, através do nosso envolvimento com o movimento de humanização do parto, que nasceu o desejo de compreender melhor esse universo – o que nos levou à idealização e realização dos inventários **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais e Indígenas de Pernambuco**. Ao longo dos três anos de execução dos inventários, tivemos a oportunidade de conversar com 225 mulheres que, em maior ou menor grau, incluíam o ofício de “pegar menino” entre seus

afazeres cotidianos. Conhecemos suas casas e familiares; ouvimos e nos emocionamos com suas histórias de vida e seus longos e ricos relatos de partos assistidos e vivenciados; nos permitimos ser impregnados por esse universo um tanto estrangeiro à nossa formação intelectual e pessoal, procurando manter uma escuta atenta, empática, aberta. As imagens produzidas pelo fotógrafo Eduardo Queiroga traziam novas nuances, elementos, percepções que ampliavam nossa compreensão. Assim, fomos aos poucos trazendo luz às questões que norteavam nossas pesquisas, e adquirindo uma visão mais global sobre a parteira tradicional pernambucana e suas práticas.

Quem são essas mulheres? Como vivem? Como são suas práticas de atenção à gestação, ao parto e ao pós-parto? Essas foram as principais perguntas que nos guiaram nos inventários, e cujas (múltiplas) respostas nos propomos a compartilhar e rever através da exposição e do catálogo **Parteiras – Um Mundo pelas Mãos**. No mundo fluido e heterogêneo das parteiras tradicionais, nenhuma resposta pode ser tida como definitiva. Cada imagem, cada texto que integram a exposição e o catálogo carregam elementos das outras imagens e textos, mas trazem também uma perspectiva singular que modifica a visão do todo, como um caleidoscópio, que a cada volta vai formando uma figura diferente a partir de elementos da anterior.

Essa dialética entre singularidade e multiplicidade nos diz muito desse universo. A parteira tradicional, ao mesmo tempo em que é única, possuindo características próprias que a singularizam (e especificam o ofício), é também plural, sendo vista por

diferentes setores da sociedade de formas muito distintas e antagônicas, desempenhando diversos papéis e funções na comunidade em que vive, se adequando às necessidades das mulheres que buscam seus serviços.

Ignoradas pela sociedade mais ampla e por grande parte dos profissionais e gestores de saúde e de cultura (quando não são hostilizadas como figuras perdidas no tempo que colocam em risco a saúde de mulheres e bebês); invisibilizadas pela escassez de políticas públicas eficazes que reconheçam sua importância e garantam condições mínimas para o desempenho do ofício com segurança; reconhecidas e valorizadas em suas comunidades; romantizadas por alguns segmentos da sociedade como ícones de um modelo ideal de atenção ao parto: esses são alguns dos olhares lançados sobre as parteiras tradicionais. Nem anjos, nem demônios; os inventários nos mostram que as parteiras são mulheres “comuns” que desempenham um ofício singular, atendendo a necessidades de suas comunidades e/ou seguindo um “chamado” interior, movidas principalmente pela religiosidade e pelos sentimentos de solidariedade e amor ao próximo.

Normalmente, tiram o sustento de outras ocupações (são agricultoras, agentes de saúde, técnicas de enfermagem, costureiras, donas de casa etc.) e consideram o ofício do partejar como uma atribuição perante a comunidade onde vivem, e não como uma profissão. Costumam iniciar-se no ofício em uma situação de parto iminente, em que não há outra pessoa para chamar ou não há tempo para transferir a mulher para outro local, ou através do acompanhamento a uma parteira experiente.

A partir de um primeiro parto bem-sucedido, começam a ser procuradas por outras mulheres.

Quando chamadas para atender a um parto, largam tudo sem hesitar, a qualquer hora do dia ou da noite, e percorrem a distância necessária, da maneira que for possível, até chegar à casa da parturiente. Muitas levam materiais como tesoura, estetoscópio de Pinard, pinças, entre outros, além de alguma planta medicinal ou reza; outras levam apenas as mãos; todas levam a experiência e a vontade de ajudar.

Em seus repertórios de práticas, são comuns vários recursos para “esquentar as dores” ou acelerar o trabalho de parto, como: manter a mulher ativa, sugerindo que caminhe “até não aguentar mais”; utilização de banhos e chás de plantas como erva-cidreira, hortelã-miúda e pimenta-do-reino; utilização de café com manteiga ou de “mingau de cachorro” (espécie de pirão ralo feito com farinha de mandioca e pimenta-do-reino); realização de massagens na barriga da mulher para “ajeitar o bebê”. Porém, a ciência do trabalho da parteira parece residir principalmente nas técnicas para ajudar na liberação da placenta, que costuma ser chamada pelas parteiras pernambucanas de “parto”, pois é comum nas narrativas delas referências a essa fase como a mais perigosa. Quando o “parto” não sai imediatamente após o nascimento do bebê, as parteiras se utilizam principalmente de rezas e “simpatias” para ajudar, como pedir à mulher para soprar na boca de uma garrafa ou na mão fechada, vestir a camisa do marido pelo avesso, colocar o chapéu do marido na cabeça, entre outras. Os cuidados da mãe e do bebê no pós-parto imediato





e nos primeiros dias (e às vezes semanas) após o parto também costumam integrar o ofício.

É comum também encontrar parteiras que prestam outros serviços de saúde em suas comunidades. Algumas possuem vasto conhecimento de “remédios do mato” ou de plantas medicinais que costumam cultivar em seus quintais, outras são rezadeiras, outras ainda prestam pequenos serviços de enfermagem, como retirada de pontos, preparação de curativos, aplicação de injeções.

Enfim, trata-se de um riquíssimo universo cuja descrição mais detalhada preencheria facilmente as páginas de todo um livro. Aqui, pretendemos apenas dar algumas pistas, compartilhar impressões pessoais, como pontos de partida para outras reflexões. Deixemos que as imagens falem por si.

Dan Gayoso é formada em Psicologia e atua como educadora perinatal e doula desde 2003. Desenvolveu e coordena o Programa Boa Hora, do Instituto Nômades. Conheceu o universo do parto domiciliar a partir de vivências pessoais. É mãe de Dara, Luísa, Flora e Rudá, e madrastra de Matheus e Mariana.





A DOR E A DELÍCIA DE SER PARTEIRA

Paula Viana

Quando me apresentaram a obstetrícia dos hospitais e maternidades, durante minha vida acadêmica, jurei que jamais seguiria nessa área. Há quase 30 anos formada em enfermagem, hoje, mais do que nunca, digo que os meus aprendizados foram e têm sido conquistados por meio do convívio com as parteiras. Minha formação profissional, aliás, devo a elas, que me ensinaram os seus fundamentos: a ética, a empatia como instrumento de trabalho, a responsabilidade compartilhada com quem está vivendo um parto e, acima de tudo, a coragem e a alegria por ser parteira.

A obstetrícia exercida pelas parteiras do Sertão de Pernambuco, que eu conheci no início da década de 1990 com o Grupo Curumim, me mostrou a riqueza, a beleza e a sabedoria da profissão. Ser parteira possibilita entrar na intimidade e compartilhar com cada mulher a sua realidade. Guarnecidas, enquanto trabalhamos, embarcamos numa viagem de aventura, riscos e prazeres.

Eu sou parteira da tradição.

(Dôra, Pankararu)

O entendimento sobre o que é ser parteira tradicional é dinâmico e segue a diversidade da realidade brasileira. Depende da região, inclui mulheres (e também homens) de comunidades rurais e urbanas, ribeirinhas, de floresta, de sertão, residentes em locais de difícil acesso, de populações de antigos quilombos, de povos indígenas, e está relacionado ao processo do parto e do nascimento.



São mães de umbigo, assistentes, atendentes de parto, curiosas, cachimbeiras, lavadeiras de menino, aparadeiras, parteiras do mato, parteira pé de pau ou, simplesmente, a mulher (em sua maioria) experiente e corajosa da comunidade e que, apesar de nunca ter tido uma formação institucional, a ela se credita a força e o poder de ajudar em momentos tão especiais da vida.

A assistência ao parto e ao nascimento no Brasil não é homogênea. Embora a maioria aconteça em ambiente hospitalar, partos domiciliares assistidos por parteiras tradicionais ocorrem no país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Apesar de ser uma responsabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS) e uma atribuição da atenção primária, ainda são poucas as experiências de articulação e de cooperação mútua entre essas duas realidades. Na maioria das vezes, a atividade das parteiras não é reconhecida como uma ação de saúde que deve ser respeitada. Por isso, o trabalho das parteiras se dá em situação de exclusão e isolamento, sem respaldo e apoio das redes e serviços locais.

Chamaram-me, pediram ajuda. Ajudei.

(Geraldina, Xucuru, Pesqueira)

As parteiras começam a trabalhar nas mais variadas idades. Em Pernambuco, conheço mulheres que ainda na infância iniciaram a arte de partejar, seja por necessidade ou solidariedade. Têm, acima de tudo, uma imensurável coragem. Muitas contam que, antes do início dos trabalhos, tinham sonhos repetidos, misteriosos, que lhes angustiavam, desde a infância, e indicavam uma missão na vida. São muitas as histórias



de encantamentos e espíritos que as levam para outros lugares fora do visível, embaixo da água dos rios. Lá, elas têm contato com conhecimentos “divinos” para, depois, ao voltarem às suas comunidades, aprender mais a cada parto, seus e das outras mulheres e, nesse percurso, ganhar, a cada dia, mais respeito, confiança e credibilidade.

Isso tudo o inventário **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco**, do qual participei, nos mostra. E mais: atesta que esses conhecimentos fazem parte da teia do cuidado prestado à mulher e que interagem e se relacionam, constantemente, com o saber técnico e científico ofertado pelo sistema de saúde.

As autoridades oficiais de saúde têm discutido a validade das intervenções técnicas no momento do parto, e proposto avaliações sistemáticas dos procedimentos usados na obstetrícia (medicina baseada em evidências). Temos inúmeros trabalhos que questionam procedimentos de rotina, como, por exemplo, a episiotomia (corte no períneo), a ruptura prematura de membranas (bolsa das águas), o corte imediato do cordão umbilical, entre outros.

Muitas parteiras aprenderam com outras da comunidade e tendem a ser menos intervencionistas, prestando uma assistência mais individualizada do que no sistema médico. Não utilizam práticas invasivas, ao contrário das que aprenderam o ofício com profissionais médicos ou da enfermagem, ou das que tiveram experiência em hospitais e maternidades. As parteiras usam menos remédios “de farmácia” e mais ervas, durante

a assistência ao pré-natal, parto e pós-parto. O inventário nos alerta para isso também, pois indica que a interface com a biomedicina tem acrescentado às práticas tradicionais das parteiras o uso de certos procedimentos, não raro, em condições absolutamente desfavoráveis.

O inventário traz, portanto, a possibilidade de confrontarmos essas situações e refletirmos sobre o contexto complexo em que se insere o trabalho das parteiras. Cada uma delas, cada grupo, tem suas próprias receitas, algumas vezes secretas, para assistir mulheres grávidas, parto e pós-parto. Muitas falam de rituais e receitas específicas, que somente elas e suas famílias conhecem. Não obstante, também existem conhecimentos comuns, conforme a região em que atuam. A oração de Santa Margarida para ajudar a placenta descolar logo após o parto é quase uma unanimidade nacional.

As parteiras idosas narram com sabedoria e ternura os partos difíceis e a “misericórdia de Deus” nos momentos mais duros. Enquanto que as mais novas se lembram do medo do primeiro parto e da alegria do nascimento. Todas falam das dificuldades no exercício do seu trabalho.

As parteiras mostram ainda suas preocupações com a sobrevivência de seus conhecimentos e práticas tradicionais, falam sobre a luta para redescobrir e revalorizar certas tradições e rituais dos seus antepassados, que têm se perdido no percurso do tempo. É para preservar que surgem as imagens deste catálogo e exposição, revelando o que é invisível nessas palavras.



Hoje, exerço um papel de impulsora para o reconhecimento da parteira tradicional como elo fundamental entre a comunidade e o sistema de saúde. Parteiras precisam ser reconhecidas, valorizadas. Precisam de suporte adequado que garanta a qualidade de sua prestação de serviço.

O modo tradicional de assistência ao parto encontra-se bastante forte, apesar de ameaças incontestáveis, enquanto o sistema de saúde público funciona inadequadamente. Fortalecer a cooperação mútua entre os dois se faz urgente e necessário. Esse é o nosso grande desafio.

Paula Viana é enfermeira obstétrica e parteira. Trabalha no Grupo Curumim, em Recife, que promove articulações para reconhecimento do trabalho das parteiras pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Desde sua fundação, em 1989, até hoje, o Grupo Curumim promoveu ações que envolveram 4,1 mil parteiras de 240 cidades de 14 estados brasileiros. É mãe de Rafael.

963

**ATENÇÃO
AQUI
PARTEIRA,
DIA E NOITE
APLICÁ-SE INJEÇÃO**







EU PARI À BEIRA DE UM RIO

Elaine Müller

Existem encontros que mudam nossa vida. Gostaria de falar sobre alguns dos meus.

Eu estava acompanhando as ações para elaboração do inventário **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco**, enquanto antropóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quando engravidei pela primeira vez. Achei que seria interessante se, ocasionalmente, uma parteira apalpassse minha barriga, tentasse adivinhar o sexo do bebê ou fizesse uma massagem para prepará-lo para o parto – coisas que eu tinha no meu imaginário. O que eu não sabia era o que uma delas, em especial, representaria para mim: uma profunda transformação em tudo o que eu sabia e achava normal e aceitável num nascimento.

O primeiro encontro foi o com um grupo de mulheres que faziam parte do inventário e que, no treinamento inicial para a pesquisa, falaram de seus partos domiciliares. Daniella, Júlia, Marina e Aline. Estava no início da gravidez e cheguei em casa contando para meu marido o quanto me surpreendi com as experiências positivas delas (e também como estava chocada ao saber como são atendidos os partos em hospitais, repletos de intervenções no processo fisiológico).

Meu marido se decidiu prontamente pelo atendimento por uma parteira no nascimento do nosso primeiro filho. Para mim, seria um processo de desconstrução e de reconstrução de valores e significados que eu nem imaginava que trazia comigo desde meu nascimento.

O segundo encontro foi com uma médica obstetra que iniciou meu pré-natal. Muito atenciosa, ela solicitava exames, media minha barriga, tirava minha pressão e me pesava todos os meses. Também prescrevia vitaminas e cremes para evitar estrias, e me atendia no celular quando eu tinha uma emergência ou uma dúvida.

Aos seis meses de gestação, eu já estava bem decidida a ter um parto natural com o mínimo de intervenções possível. Então puxei o assunto com essa médica. Disse que gostaria de não ter episiotomia e ela falou dos riscos de uma lesão grave, que afetasse o ânus. Disse que não gostaria de ter analgesia e ela disse que o anestesista estaria na sala do parto de qualquer jeito (com mais um monte de gente, que eu questionei se precisariam estar lá, ao que ela me disse ser assim mesmo).

Falei ainda que queria ter uma doula no momento do parto. Ela então entortou o rosto e disse que eu precisaria ver se o hospital permitia. Depois disse, “não estou fazendo seu pré-natal para você parir na beira de um rio”, e me alertou sobre todos os casos em que uma cesárea é essencial, sobre o risco de ir “atrás dessas feministas hippies”. Foi quando ela sugeriu que eu fosse conhecer as crianças com paralisia cerebral para entender os riscos de um “parto mal feito”.

Nesse momento da gravidez, as conversas sobre parto com colegas e familiares me atordoavam, porque havia uma ideia de risco que permeava todas as falas. Parir era perigoso. Para mãe e para filho. Eu poderia me arrepender para sempre, eu seria culpada por toda a minha vida. Por um filho saudável valeria sacrificar um parto com amor e optar pela assepsia hospitalar – só as loucas cogitam não fazer isto.

Foi então que encontrei Prazeres (Maria dos Prazeres de Souza), a famosa e premiada parteira de Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife. Fui até a casa dela, conversamos um bocado e ela me disse para deitar numa cama para examinar minha barriga. Apalpou, falou exatamente a posição do bebê (tinha feito um ultrassom fazia poucos dias, que Prazeres disse ser desnecessário para ver a apresentação de um bebê). Ela usava termos técnicos, contou que o bebê ainda iria fazer a rotação intrapélvica e também falou que chá de cidreira era bom para acalmar, e que canela ajudava no trabalho de parto.

Contou histórias. Disse que parir é natural, que nossos corpos estão preparados para a coisa mais boa do mundo. Parecia entusiasmada com a participação do pai nos partos de hoje. Prazeres tirou o medo do perigo de minhas costas. Eu estava preparada para enfrentar os riscos que faziam sentido para mim, que envolvem qualquer parto, e a lutar contra um atendimento supostamente mais seguro por ter todo o aparato para contornar situações que ele mesmo produz.

E eu pari lindamente Lourenço, num apartamento próximo ao Rio Capibaribe, com a ajuda de Prazeres, meu marido Marcelo, minha mãe Ziny e a doula Dan, em 2008. Depois, vieram Francisco – novamente com Prazeres, Marcelo, Dan e Lourenço, em 2010 – e Magnólia, com a parteira urbana Tatianne (outro encontro empoderador), Marcelo, as doulas e amigas Dan e Mariana, ao lado de Lourenço e Francisco. Francisco e Magnólia nasceram em nosso sítio à beira da Barragem do Rio Duas Unas.

Sim, eu pari à beira de um rio, três vezes. E para usar as palavras de um livro que eu estimo muito, o *I Ching*, eu atravessei a grande água.

Percebi, nos encontros com essas mulheres, que existe uma importante ruptura entre as maneiras como parteiras tradicionais e médicas(os) obstetras entendem e atendem o parto. A parteira aprende seu ofício de forma “curiosa”, observando sua mãe “pegar menino”, num ambiente doméstico, entre mulheres. E o sentido do ofício é a dádiva, algo que se recebe e que é redistribuído – a parteira que recebe o dom de Deus e “ajuda” outras mulheres, que por sua vez retribuem as parteiras na forma de sua possibilidade, seja com um presente, (raramente) algum dinheiro ou o reconhecimento da sua importância para a comunidade. Parteira e sua clientela compartilham de um mesmo universo simbólico.

Obstetras não aprendem sobre o parto no ambiente acolhedor de um domicílio, mas nos hospitais. A formação é voltada a capacitar para a intervenção nos casos de risco para a vida de mãe ou filho. A relação de poder entre obstetra e sua clientela não se afirma, necessariamente, pela dádiva, mas por uma ordem de discurso (da ciência?), de modo que o que elas/eles dizem é simplesmente o certo. Médicos não necessariamente ajudam mulheres a parirem, mas são quem as salvam no controlado ambiente hospitalar, e isto os coloca em dimensões bastante distintas.

Imaginar que se tratam de dois universos completamente separados, o da parteira tradicional e o do médico, seria ingenuidade. Prazeres aprendeu a partejar com a sua mãe,





também parteira. Mas foi no hospital que ela atendeu a maior parte de seus partos, onde se aposentou antes de se dedicar integralmente ao atendimento de partos domiciliares. Além disso, não podemos imaginar que haja uma separação entre o bem e o mal, por mais que minha experiência pessoal me faça admitir, hoje, após passar por meia dúzia de obstetras em três pré-natais, que encontrar um médico disposto a ouvir e respeitar as nossas vontades no parto seja um tanto raro.

Prazeres e as outras mulheres que encontrei, desde a primeira gestação, me ensinaram que ter um parto respeitoso (que considere minha natureza física e emocional) depende, acima de tudo, de mim. Prazeres soube respeitar esse movimento em minha trajetória como mulher. Talvez ela nem imagine isso. Para mim, ela representou a possibilidade de alternativa.

E sobre o universo da parteira tradicional, o que ela me ensinou é que se as tradições são inventadas, se renovam – numa nova posição que uma mãe escolhe no momento de parir, num novo papel para o pai, numa nova palavra ou conceito que alguém perspicaz como ela nos presenteia a cada encontro.

Elaine Müller é antropóloga, professora do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Narrativas do Nascer. Mãe de Lourenço, Francisco e Magnólia.





“E hoje [o ofício da parteira] não é mais respeitado. Eu digo isso porque cheguei ali, na FUSAM, e vi dois médicos e uma pessoa até de alta sociedade, que fez faculdade, tudinho, dizer: ‘parteira, isso não existe mais não, menina! Qual é o homem doido que tem sua mulher buchuda pra pegar e botar na mão de uma parteira lá dos engenhos que não sabe nem como é que se chama? De jeito nenhum. Isso acabou. Isso é do século da minha avó, da minha bisavó, escanchavó.’ Quer dizer que é uma das coisas tradicionais, um dom dado por Deus, e que, hoje, por causa da tecnologia que tá muito grande, muita fineza, não tá sendo mais respeitado.”

Maria Irene de Lima (Irene), Palmares

Relação das parteiras entrevistadas nos inventários Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais e Indígenas de Pernambuco

IGARASSU E ENTORNO

Dulce Silveira de Vasconcelos
Josefa Tenório da Silva (Zefinha Parteira)
Lúcia Maria Medeiros de Lima
Luciene Luziária Soares
Lucilene Félix do Nascimento
Luiza Maria Alvez
Maria Arnalda Lins da Silva (Arnalda)
Maria da Conceição Diniz (Cêça)
Maria das Dores do Monte (Dôra)
Maria de Lourdes Tavares da Silva
Maria José dos Santos (Zeza)
Maria José Pimentel da Silva (Maria Parteira)
Ozana Alves da Silva
Tânia Maria de Souza
Terezinha de Jesus Guedes

JABOATÃO DOS GUARARAPES E ENTORNO

Abgail Barbosa da Silva (Neide)
Alaíde Celina da Silva
Djanira Gomes da Silva
Edileusa Maria da Silva
Ester Luzia de Oliveira
Eulina Ferraz de Albuquerque
Geane Darc da Silva Melo
Josefa Maria da Silva
Lindinalva Pereira Silva (Nalva)
Lúcia Maria de Souza
Lúcia Pereira da Silva (Irmã Lúcia)
Maria Augusta da Silva (Maria rezadeira)
Maria do Carmo dos Santos (Chica)
Maria dos Prazeres de Souza
Maria José Alves de Almeida Chagas (Deda)
Maria José da Anunciação (Maria Camboa)
Maria José de Sales
Maria José da Silva Pires (Pires)
Maria Margarida dos Santos (Cigana)
Maria Severina da Silva (Lica)
Maria Valeriana do Nascimento
Marina Cavalcante dos Santos
Marlene dos Santos Cavalcante
Marta da Silva Rodrigues

Nadir Rodrigues da Silva
Priscila Ester de Oliveira (Maninha)
Regiane Maria da Silva (Leco)
Sara Fernandes da Costa
Severina Bezerra da Silva (Naninha)
Severina Etelvina da Silva (Menininha)
Severina Francisca de Sena (Biu)
Severina Ramos da Silva (Silva)
Severina Roque da Silva
Sílvia Maria da Silva (Mãe Sílvia)
Suely Alves de Moura
Teresina dos Santos Alves (Vó)
Teresinha Arcelina da Silva
Tereza Maria Diniz Vieira (Queleu)
Zuleide dos Santos Chagas

IPOJUCA E ENTORNO

Agrinalda Maria de Oliveira Monte (Santa)
Amara Benedita dos Santos (Amara Tatu)
Amara Cabral da Silva (Malu)
Amara Félix dos Santos
Amara Natália Silva da Paz (Natália)
Guiomar Maria da Silva
Hilda Ramos da Silva
Iva Maria da Silva
Maria Cecília dos Santos (Mariquinha)
Maria das Neves Santana (das Neves)
Maria de Lourdes da Silva (Lourdes)
Maria do Carmo da Silva (Maria de Espinhara)
Maria José da Costa (Maria Pequena)
Maria José da Silva (Nenê)
Maria José das Neves (Maria Preta)
Maria José dos Santos Silva (Zefinha)
Maria Lúcia de Santana (Lúcia)
Maria Luzinete da Silva (Lu)
Marinete Augusta da Silva
Sandra Maria dos Santos
Severina Maria da Silva (Silva)

PALMARES E ENTORNO

Alaíde Maria Isidoro (Naísa)
Cícera Casado de Souza

Cícera Maria da Silva
Cícera Santos da Silva (Cícera Parteira)
Edeilda Mendes Ferreira (Aprendiz)
Edite Maria da Silva
Eliaci Bernadino da Silva (Nota)
Eunice Maria da Silva (Nice)
Gerusa Maria da Silva
Helena Maria da Silva
Ivonete Maria da Silva
Josefa Maria da Silva (Zefinha)
Maria do Carmo Marques Machado (Carminha)
Maria Irene de Lima
Maria José de Oliveira (Geruza)
Maria José Trajano da Silva (Lica)
Maria Margarida dos Santos (Dida)
Maria Rita da Silva (Irmã Rita)
Maria Rodrigues da Silva (Zete)
Quitéria Amara da Silva
Teresa Salu da Silva

CARUARU E ENTORNO

Alaíde dos Santos
Arlete dos Santos Lima
Belarmina Maria da Conceição
Celestina Maria da Silva
Cícera Maria da Silva
Divanethe Oliveira da Silva (Diva Parteira)
Eliane Maria de Oliveira
Elisabete Maria da Silva
Estelita Cecília da Silva
Expedita Maria da Silva
Helena Maria das Neves
Isabel Maria da Silva Oliveira (Bezinha Parteira)
Ivonete Dias Clemente
Josefa Alves de Carvalho (Zefinha)
Josefa Alves de Souza (Zefinha Sem Terra)
Josefa Joaquina da Silva (Zefinha Parteira)
Jovelina Maria de Oliveira (Dona Jovem)
Linete Alves Ferreira da Silva
Margarida Dias dos Santos
Maria das Graças da Silva (Graça Parteira)
Maria das Neves Silva Ferreira (Dona Neves)

Maria de Lourdes Azevedo de Souza (Lourdinha Murici)
Maria de Lourdes Barros de Souza (Lourdes Cohab)
Maria do Carmo da Conceição (Carminha)
Maria do Socorro Silva de Melo
Maria Fernanda da Silva
Maria Izabel da Silva
Maria Joana Alves
Maria José de Souza Silva
Maria José Galdino da Silva (Zezé Parteira/ Mãe Zezé)
Maria Luzinete Tabosa
Maria Vitória Simões da Silva
Marlene Constante de Azevedo
Marlene Silva Tavares
Neuza de Oliveira Silva
Olíndina Maria Tavares
Quitéria Maria da Silva / Alto do Moura
Quitéria Maria da Silva / Belo Jardim
Raimunda Ferreira da Costa (Dorinha Parteira)
Severina Maria Xavier (Biró)
Severina Regina Barbosa Alves

TRINDADE E ENTORNO

Albertina Maria de Oliveira
Alice Rodrigues de Oliveira Lima
Antônia Luiza do Carmo (Tonha de Rozeno)
Antônia Rodrigues Torres (Toinha)
Dulcineia Custódia da Silva (Dulce)
Enedina Laudilina da Conceição (Dina)
Expedita Carlota da Conceição Nascimento
Expedita Maria do Nascimento (Dita de Zeca)
Leoniza Belo de Araújo (Nilza)
Maria Águida da Conceição (Maria de Miro)
Maria Aureniza Leite (Oreniza)
Maria de Lourdes Ferreira dos Santos (Maria Pureza)
Maria de Lourdes Martins (Lourdes de Pedro)
Maria Francisca da Silva (Maria de Zé Luiz)
Maria Luna Pereira Carvalho
Maria Natividade da Silva (Ativa)
Maria Noêmia da Conceição Silva (Ceíça)

Marina Maria da Silva
Marli Goumerina Lira
Raimunda Maria de Jesus
Rosa Pereira da Silva Delmondes
Rosélia Vieira Lopes Dantas

ETNIA INDÍGENA XUCURU

Alessandra Santos (Lissandra)
Ana Guilhermina de Oliveira (Ana de Zezin)
Antônia Batista da Conceição
Celina Santana dos Santos
Doralice Maria da Conceição (Dôra)
Emília Rosa da Conceição (Mila)
Eurides Brito dos Santos
Expedita Maria da Conceição
Francisca Maria Frasão (Chiquinha)
Geraldina Dias da Silva (Dina)
Iracyr Benta Pereira (Tôta)
Joana Darque de Oliveira
Josefa Aulina da Silva (Zefinha)
Judite Cavalcanti de Almeida
Luzinete Maria Pereira dos Santos (Luza)
Maria do Carmo Nunes Espíndola (Maria Viúva)
Maria José de Brito (Maria de Romão)
Maria das Montanhas Alves Feitosa (Menininha)
Maria do Carmo da Conceição (Carminha)
Maria do Socorro Frazão de Lima (Corrinha)
Maria José Pereira da Silva Leite (Zeza)
Maria Nicácio Ribeiro (Maria de Zé Ferreira)
Maria José Alves dos Santos (Lia)
Maria da Conceição Espíndola Leite (Bila)
Maria das Montanhas dos Santos (Maria de Marcionila)
Maria José Martins da Silva (Lica)
Severina Guimarães Xavier (Bita)

ETNIA INDÍGENA KAPINAWÁ

Irene Bezerra da Silva Souza
Lina Carlos de Araújo Silva
Maria Antônia da Conceição (Lilia)
Maria Bezerra da Silva (Mariquinha)
Maria Bezerra da Silva (Mocinha)

Maria Bezerra de Moura Silva (Maroca)
Maria das Dores de Moura (Dôra)
Maria José da Silva (Maria de Noé)
Maria Liduvina da Silva (Maria de Emídio)
Maria Olindina de Melo (Marieta)
Sérvula Luiza da Conceição (Serva/Tel)
Terezinha Soares Monteiro

ETNIA INDÍGENA PANKARARU

Adélia Cardoso Dias
Ana Maria dos Santos (Tia Ana)
Bárbara Maria de Souza
Denilde Maria Arnaldo de Oliveira
Diva Dionila dos Santos
Enedina Maria da Conceição
Josina Costa da Silva (Nenê)
Juliana Maria da Silva (Júlia)
Laura Maria de Jesus (Maria de Aninha)
Laurita Maria de Melo
Luzinete Aciole do Nascimento (Neta)
Maria Amélia dos Prazeres (Prazer Coringa)
Maria Cícera dos Santos Oliveira (Tixa)
Maria das Dores Silva Nascimento (Dôra)
Maria do Carmo da Conceição (Maria Velha)
Maria Edilza de Jesus (Maria de Mídia/Dilza)
Maria Francisca dos Santos (Mariinha)
Maria Helena dos Santos (Maria Helena)
Maria Januária da Silva (Janu)
Maria Júlia dos Santos (Maria de Onório)
Maria Monteiro da Silva (Maria Faísca)
Maria Paulino de Souza (Maria do Carmo /Biriba)
Maria Rita da Silva (Rita de Tanta)
Maria São Pedro dos Santos (São Pedro de Binga)
Maria Sebastiana da Conceição
Maria Veraneves Silva dos Santos (Vera)
Maria Vercelina dos Santos (Bia)
Maria Zélia da Conceição Souza (Zélia do Pé da Serra)
Marisa Maria da Silva
Quitéria Maria de Jesus (Quitéria Binga)
Sebastiana Aciole da Silva (Tia)

Legendas das fotos

- capa** Amara Cabral da Silva (Malu), Ipojuca
- pp. 2 e 3** Terezinha Soares Monteiro, Kapinawá
- pp. 4 e 5** Djanira Gomes da Silva, Jaboatão dos Guararapes
- p. 6** Imagem de Nossa Senhora do Bom Parto, pertencente a Josefa Joaquina da Silva (Zefinha Parteira), Caruaru
- p. 9** Severina Maria da Silva (Silva) com tesoura que usa nos partos, Ipojuca
- p. 10** Sérvula Luiza da Conceição (Serva/Tel), Kapinawá
- pp. 12 e 13** Maria Júlia dos Santos, Pankararu
- p. 14** Doralice Maria da Conceição (Dôra), Xukuru
- p. 15** Maria do Carmo Marques Machado (Carminha), Palmares
- p. 16** Maria dos Prazeres de Souza, Jaboatão dos Guararapes
- p. 19** Quitéria Maria de Jesus (Quitéria Binga), Pankararu
- p. 22** Raimunda Maria de Jesus, Trindade
- p. 23** Maria das Dores Silva Nascimento (Dôra), Pankararu
- pp. 24 e 25** Maria Luzinete da Silva (Lu), Ipojuca
- p. 26** Josefa Joaquina da Silva (Zefinha Parteira), Caruaru
- p. 31** Josefa Alves de Carvalho (Zefinha) na feira de Caruaru
- p. 32** Ipojuca
- p. 34** Maria José Galdino da Silva (Zezé Parteira/Mãe Zezé), Caruaru
- p. 35** Edite Maria da Silva, Palmares
- pp. 36 e 37** Maria de Lourdes Ferreira dos Santos (Maria Pureza), Trindade
- p. 38** Caderno de Maria José Galdino da Silva (Zezé Parteira/Mãe Zezé), Caruaru
- p. 41** Olindina Maria Tavares e Belarmina Maria da Conceição, Caruaru
- p. 44** Interior da casa de Quitéria Maria de Jesus (Quitéria Binga), Pankararu
- pp. 46 e 47** Severina Maria Xavier (Biró), Caruaru
- pp. 48 e 49** Maria Paulino de Souza (Maria do Carmo /Biriba), Pankararu
- p. 50** Amara Félix dos Santos, Ipojuca
- p. 55** Maria Sebastiana da Conceição prepara uma “rudia”, Pankararu
- p. 56** Maria José Pimentel da Silva (Maria Parteira), Igarassu
- pp. 58 e 59** Maria de Lourdes da Silva (Lourdes), Ipojuca
- p. 60** Maria Júlia dos Santos mostra a medida para corte do cordão umbilical, Pankararu

Concepção

Dan Gayoso, Eduardo Queiroga e Júlia Morim

Realização

Instituto Nômades

Produção

Dan Gayoso, Eduardo Queiroga e Ricardo Lima Gomes

Fotografia

Eduardo Queiroga

Projeto gráfico

Zoludesign

Textos

Dan Gayoso, Eduardo Queiroga, Elaine Müller, Júlia Morim e Paula Viana

Edição e revisão de textos

Carlos Costa e Mariana Lacerda

Tratamento de imagens

Marcus Cabral

Impressão e acabamento

Facform Gráfica

Agradecimentos

Às parteiras Maria das Dores Silva Nascimento (Dôra), Edite Maria da Silva, Maria Irene de Lima e Maria Fernanda da Silva, e à Associação de Parteiras Tradicionais de Caruaru, porque sem elas este projeto não teria sido possível.

A Maria dos Prazeres de Souza, por ser invariável fonte de inspiração, desde o começo.

A todas as parteiras pernambucanas que nos abriram suas portas e permitiram que suas imagens fossem registradas, pela confiança e acolhimento.

A Elaine Müller e Paula Viana, pelo incentivo e apoio constantes.

Às Prefeituras Municipais de Caruaru, Jatobá, Palmares e Tacaratu pelos apoios locais ao projeto.

Recife, 2013.

Este catálogo foi produzido entre fevereiro e março de 2013.

As fontes utilizadas foram *Calibri*, desenhada por Lucas de Groot para a Microsoft em 2005; e *Nice*, desenvolvida por Amanda Marx, André Menezes, Luciana Hazin e Luiza Falcão durante o grupo de estudos Memória Gráfica Pernambucana, na UFPE, ministrado por Solange Coutinho e Fátima Finizola, em 2011.

Foram impressos 1.000 exemplares em papel couché fosco 150 g/m² (miolo) e alta alvura 300 g/m² (capa).



“Parteiras – eles querem fazer como fazem com a maré. Pegam aquele montão de barro e botam pra cobrir a água, aí estoura lá no outro canto... E assim nunca se acaba não. Porque é uma coisa que vem do princípio do mundo.” Eulina Ferraz, Jaboatão dos Guararapes



APOIO



INCENTIVO

FUN CULTURA



Secretaria de Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

REALIZAÇÃO

